

DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PARA O ESTUDO DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÕES DE ALCOOLISMO

Recebido: 06/2022
Aceite: 06/2022
Publicado: 29/06/2022

Júlio César dos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil

Resumo

Nos últimos anos, houve um considerável número de alterações nos padrões do curso de vida familiar, mudanças no papel da mulher e o aumento no índice de divórcios e recasamentos, imprimindo uma nova ordem social e desafios para o sistema familiar como também para a ordem social. Também nos últimos anos várias teorias da psicologia do desenvolvimento emergiram como a Teoria Bioecológica baseada na visão sistêmica e de processo. Sob a mesma base está o construto teórico da plasticidade relativa transformando o conceito de epigênese para construir um metamodelo contextual. O objetivo deste estudo teórico é, a partir do diálogo entre teorias da psicologia do desenvolvimento, fazer avançar a reflexão sobre as contribuições para entender a família contemporânea. Fundamentado nas contribuições teóricas apresentadas foram propostas alternativas a famílias convivendo com o processo saúde-doença de alcoolismo como também sobre a flexibilidade dos laços nas famílias contemporâneas.

Palavras-Chaves: Desenvolvimento Humano. Psicologia do Desenvolvimento. Alcoolismo. Família. Bioecologia do Desenvolvimento.

ABSTRACT

In recent years, there have been a considerable number of changes in the patterns of the family life course, changes in the role of women and the increase in the rate of divorce and remarriage, imprinting a new social order and challenges for the family system as well as for the social order. Also, in recent years several theories of developmental psychology have emerged as the Bioecological Theory based on the systemic and process view. Under the same foundation is the theoretical construct of relative plasticity transforming the concept of epigenesis to build a contextual metamodel. The objective of this theoretical study is, based on the dialogue between theories of developmental psychology, to advance the reflection on contributions to understanding the contemporary family. Based on the theoretical contributions presented, alternatives were proposed for families living with the health-disease process of alcoholism as well as on the flexibility of ties in contemporary families.

Keywords: Human Development. Developmental Psychology. Alcoholism. Family. Developmental Bioecology.

INTRODUÇÃO

A família é a menor unidade institucional de uma sociedade. Por ser uma organização social, ela muda com o tempo, não só em relação ao desenvolvimento integral de seus membros como também enquanto unidade familiar. Ao longo do desenvolvimento do conceito de família, foram-se delineando papéis e funções da família na estrutura social. De dentro do processo histórico de formação conceitual, alguns pontos foram-se cristalizando e tornando-se estáveis. Assim passou-se a identificar funções básicas da célula familiar.

Tanto Angelo e Bousso (2001) como Therborn (2006), Dessen e Costa Júnior, (2005) e Bronfenbrenner (2011) identificam funções da família. Dentre as funções identificadas por esses autores, destacam-se três funções básicas da família: (1) biológica, (2) sociológica e (3) psicossocial.

A função biológica (1) diz respeito ao fato de a família integrar pessoas que possuem os mesmos laços consanguíneos. A função sociológica refere-se à unidade familiar, que sustenta o equilíbrio da sociedade já a função

psicossocial está relacionada ao exercício da parentalidade, como experiências do cuidado e de estar com o outro numa relação afetiva (Dessen e Costa Júnior, 2005).

As famílias são estruturas organizadas compostas por membros que inter-relacionam de forma específica (famílias monoparentais, famílias extensas, famílias homoafetivas). A funções biológica, sociológica e psicossocial convivem no interior dessas diversas formas de estrutura ou organização familiar (Micaelo, 2008).

Sabe-se que a família contemporânea ocupa diferentes espaços culturais, os quais são tanto internalizados como transformados por ela. Dessa interação surgem células familiares típicas da pós-modernidade. Essas células familiares internalizam e propõem novas práticas. Uma dessas práticas, ou traços da pós-modernidade revelado pela observação das novas formas de relacionamento familiar é a aparente fragilidade dos laços afetivos e mesmo civis.

A facilidade em despedir-se dos sujeitos na vida familiar é um dos traços da pós-modernidade revelado em estudos de autores como Baumann (2004), Roudinesco (2003),

Therborn (2006), Santos (1994). No campo da observação, pode-se destacar que hoje, os tribunais de justiça praticamente já não perguntam por que os casais separaram, mas como ficam os filhos e o patrimônio familiar (Roudinesco 2003, Féres-Carneiro 2003), quase sempre não se priorizando o aspecto da afetividade, embora a pergunta relativa a afetividade ainda esteja presente no ato processual de separação civil.

Outro traço da pós-modernidade, com reflexos na vida familiar e afetiva, relaciona-se à observação de que os vínculos humanos, aliados aos sentimentos de insegurança e concepções sobre a questão da liberdade – também próprios da era pós-moderna –, inspiram desejos conflitantes de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Faz-se necessário buscar novas respostas teóricas capazes de direcionar o olhar a reflexão sobre os relacionamentos contemporâneos

Não obstante a aparente facilidade de se desfazerem laços, o ser humano mantém vínculos afetivos profundos, os quais para serem desfeitos, geram dor e sofrimento. Para Baumann (2004) os relacionamentos vivem um *boom* do aconselhamento, diante da densa complexidade dos laços afetivos persistentes e difíceis demais para serem desfeitos ou destrinchados sem auxílios.

Dessen e Costa Júnior (2005) atentam para o fato de muitos sujeitos procurarem consultórios de saúde, enquanto seus males expressam problemas familiares, ligados a aspectos culturais e relacionais. Assim os sujeitos acometidos de sentimentos de mágoa ou de amor, por exemplo, ficam ainda mais insatisfeitos, enquanto a visão puramente biomédica tende a ignorar a parte subjetiva e psicológica do desenvolvimento humano.

O objetivo deste estudo teórico é, a partir do diálogo entre teorias da psicologia do desenvolvimento, especificamente a teoria Bioecológica, de Bronfenbrenner (2011), e de estudos da plasticidade relativa, em Ford & Lerner (1992), fazer avançar a reflexão sobre as contribuições para entender a família contemporânea.

A Teoria do Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner

A temática proposta pelo modelo Bioecológico (Bronfenbrenner, 1999 e 2011) constitui marco referencial teórico, na medida em que leva em consideração o processo (P), a pessoa (P), o contexto (C) e o tempo (T) – PPCT para a compreensão dos fenômenos de desenvolvimento.

O processo (P) ou processo proximal consiste em interações recíprocas que se estabelecem entre pessoas no seu ambiente externo imediato. Sua forma, intensidade, conteúdo e direção variam em função de características dos envolvidos e do ambiente, da natureza dos resultados do desenvolvimento e de continuidades e mudanças sociais que ocorrem ao longo do tempo. Um dos exemplos é o aprendizado da leitura infantil realizada por cuidadores no momento de sono, evento que constitui um tipo de processo proximal com conteúdos diversos e distintas direções.

Para ser efetivo, o processo proximal precisa considerar o tempo (T) como atividade regular, de duração suficiente, que permita tornar-se crescentemente complexo, interiorizado e de significado para os envolvidos, isto é, o período de dedicação recíproca dos envolvidos em determinado tipo de relacionamento afeta a qualidade das relações estabelecidas e interfere no desenvolvimento humano. Os processos tornam-se gradualmente mais complexo à medida que se repetem as interações recíprocas entre as pessoas, os objetos e os símbolos no seu ambiente externo imediato.

A pessoa (P) é o sujeito ativo, em relação de proximidade com o contexto. O sujeito e o contexto interagem reciprocamente desenvolvendo aprendizagens que se inter-relacionam. Características pessoais como idade, gênero e etnia interferem no resultado das experiências do sujeito em sua relação com o ambiente, promovendo o desenvolvimento humano. Dentro da perspectiva bioecológica, os recursos psicológicos referem-se a habilidades, experiências, conhecimento e capacidades imprescindíveis ao funcionamento eficaz do processo proximal e envolvem deficiências e competências psicológicas que influenciam a capacidade da pessoa de engajar-se efetivamente nos processos proximais. As demandas das pessoas são atributos capazes de incitar reações do ambiente social, inibindo ou favorecendo o desenvolvimento dos processos proximais no crescimento psicológico (Bronfenbrenner, 1999).

O contexto de desenvolvimento(C) é constituído por sistemas articulados em constante interação: o microsistema, o mesossistema, o exossistema, o macrosistema e o cronossistema. O microsistema é o ambiente imediato da pessoa, no qual os processos proximais operam para produzir, sustentar ou inibir o desenvolvimento. Refere-se a padrões de atividades, papéis e relações interpessoais vivenciadas pela pessoa, em um dado ambiente com características físicas e materiais específicas. Por exemplo, a família é considerada o principal contexto da vida de uma pessoa, na qual acontecem as interações mútuas.

Bronfenbrenner (1999 e 2011) fala ainda de atividades molares, que são formas de comportamento compostas por ações contínuas e intencionais entre as pessoas envolvidas no ambiente imediato, e que, na interação com o ambiente, transformam esse processo. O estudo da atividade molar retomado por Bronfenbrenner (2011) já havia sido estudado conforme discutido na história da psicologia do desenvolvimento. O desenvolvimento do sujeito é uma função da variedade e complexidade dessas atividades. Bronfenbrenner (2011) critica a psicologia convencional, experimental e positivista. Em uma de suas críticas o ator ressalta que o ambiente de pesquisa da psicologia da criança desconsidera os impactos do contexto: as respostas de pesquisa são diferentes para o ambiente natural e para o laboratório – pois as crianças atuam de modo diferente em diferentes ambientes.

O mesossistema consiste nas relações e processos estabelecidos entre dois ou mais ambientes em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, de forma direta, indireta, entre e intra-ambientes. Por exemplo, as reuniões de pais nas escolas é um exemplo de mesossistema.

Já o exossistema refere-se aos ambientes que não se relacionam diretamente com a pessoa em desenvolvimento, isto é, são ambientes nos quais não participa ativamente de interações face a face, mas que afetam ou são afetados por ela de forma indireta. Bronfenbrenner (2011) discute que o exossistema engloba as relações e os processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes que de forma indireta influem na pessoa em outro ambiente imediato. As políticas do Ministério do Desenvolvimento, como o Programa Bolsa-Família são um exemplo, de implicações de ações e ambientes externos ao sujeito e que interferem na dinâmica familiar. Para Bronfenbrenner (2011) o potencial de desenvolvimento de um ambiente aumenta em função de vínculos diretos e indiretos com os mais ambientes. O Programa Minha Casa, Minha Vida do governo brasileiro é uma resposta das famílias pertencentes ao

Movimento Sem Casa o que exemplifica de interferências na dinâmica familiar por ambientes externos como Ministério do Desenvolvimento e o Movimento dos Sem Casa (Caixa, 2011).

O macrosistema constitui um conjunto de padrões da cultura ou subcultura a exemplo do sistema de crença e estilos de vida nos diferentes níveis de ambientes, sendo considerado como o retrato de uma cultura. O que as famílias pensam sobre as escolas, interfere na pontualidade e frequência dos pais nas reuniões escolares, e na participação ativa na formação de alunos-filhos. Inversamente o que a escola acredita que seja o ensino público para sujeitos menos favorecidos interfere também na qualidade deste ensino para essas comunidades.

O cronossistema refere-se ao tempo (T), envolvendo as modificações ou consistências ocorridas ao longo do curso de vida, tanto em relação às características da pessoa quanto às de seu ambiente. As famílias significam diferentemente a escola em eras diferentes. O que representa a escola para a família patriarcal ou na modernidade ou mesmo na pós-modernidade são impressões totalmente distintas. Note, por exemplo, que hoje mães e filhos estão estudando, em alguns casos na mesma sala de aula, perfazendo um a dinâmica diferenciada da época em que escola era coisa de homem.

Portanto, o desenvolvimento humano, para Bronfenbrenner (2011) como para Ford & Lerner (1992) não é um produto de forças inatas e nem de forças ambientais, mas sim da inter-relação entre ambas, o que lhe confere um caráter probabilístico e não determinista. O desenvolvimento ocorre por meio de múltiplos níveis, direções multideterminadas, o qual também estudou Ford & Lerner (1992) e Lerner (1998). Este é um processo contínuo no tempo, em permanente mudança, particularmente de mudanças conduzidas para a emergência de novidades, que se torna progressivamente mais complexa. Ford & Lerner (1992) avançam rompendo com a visão biológica e fundando o conceito a plasticidade relativa onde o desenvolvimento tem base sociogenética.

Tradicionalmente, a plasticidade baseava-se em considerar que existem programações genéticas para os processos de desenvolvimento. Na visão de Brauth (citado por Lerner, 1998), a *nurture* (ambiente/experiência) desempenha um papel secundário na cadeia de influência. O ambiente facilita ou inibe o desdobrar do programa genético, mas ele pode não interagir com os próprios genes, e o ambiente e a experiência não podem influenciar a qualidade do programa a genético.

[Outras teorias do desenvolvimento humano em Ford & Lerner \(1992\).](#)

“O passado como prólogo do presente” inicia o capítulo primeiro do livro de Ford & Lerner (1992) e “O conceito de estabilidade, variabilidade, mudança e desenvolvimento” Inicia o segundo capítulo.

No primeiro capítulo os autores falam da importância das hipóteses para a ação, o pensamento e a natureza do desenvolvimento humano. Ao classificar as teorias do desenvolvimento humano em mecânicas, orgânicas e contextuais dá ênfase a esta última, pois se aproxima das teorias da psicologia contemporânea.

Lerner (1998) divide as Teorias da Psicologia do Desenvolvimento em três fases. A primeira fase baseia-se no Metamodelo Orgânico, isto é, enfatiza o organismo como

unidade de análise com partes a serem compreendidas como um todo integrado. A segunda fase baseia-se no Metamodelo Mecânico enfatiza a primazia do comportamento externo ao organismo, a exemplo, de formulações sociogênicas que enfatizam a determinação sociocultural da personalidade em geral, e de algumas características específicas da pessoa no particular como nas teorias da Piaget. Já a terceira fase, também chamada de Metamodelo contextual do desenvolvimento caracteriza por: (1) organizações de variáveis ambientais, biológicas e comportamentais, (2) integrações bidirecionais, (3) múltiplos níveis do organismo-contexto e de probabilidade epigenética.

Em Brauth e colaboradores, citado por Lerner (1998), a epigênese – conceito de base biomédica – é vista como um meio geneticamente controlado para manter a continuidade do desenvolvimento. No conceito epigenético de Brauth (citado por Lerner 1998), as variações individuais acontecem por conta de processos epigênicos, o qual determina o curso dos acontecimentos. Lerner (1998) contrapõe-se ao conceito de Brauth e colaboradores com um conceito que considera as teorias contemporâneas desenvolvimento humano.

Lerner (1998), baseado nos avanços da biologia molecular, entende que existem dinâmicas horizontais e verticais para eventos diversificados. O autor trabalha com um conceito um pouco mais flexível e dinâmico, ao dizer que a epigênese refere-se a aspectos emergentes do desenvolvimento que, qualitativamente, são descontínuos, ou seja, o desenvolvimento decorre de uma interação dinâmica e da fusão de níveis de organização. Lerner defende que os processos se desenvolvem dentro de um sistema de múltiplos níveis. Ao explicar e romper com a visão determinista da epigênese, constrói um conceito que valoriza o campo científico do desenvolvimento humano, o qual vem desenvolvendo uma visão sistêmica e de processo.

Na essência, a perspectiva proposta por Lerner (1998) baseia-se em processos e sistemas. Com essa nova forma de argumentar, Lerner identifica as limitações nos conceitos de epigênese e rompe com os meta-modelos orgânico e mecânico.

A visão atual da psicologia contemporânea do desenvolvimento possui duas expressões – chaves: sistema e processo (Lerner, 1998; Cairns, 2006). Para Ford & Lerner (1992) e Bronfenbrenner (1999 e 2011), o desenvolvimento humano está concebido como um sistema. Para os autores, a pessoa não está psicologizada, biologizada, e nem sociologizada separadamente, porém essas características devem estar juntas. As teorias de base mecânica e orgânica (Lerner, 1998) fracionavam o desenvolvimento humano do ponto de vista biológico, cultural, psicológico e sociológico.

Bases do desenvolvimento humano

A teoria do desenvolvimento humano assenta-se sobre quatro bases (Lerner, 1998) (1) relativa plasticidade; (2) os níveis de integração; (3) incorporação da historicidade e temporalidade da pessoa; (4) limites da generalização, diversidade e diferenças individuais. Outro ponto importante é que o desenvolvimento sistêmico tem uma matriz que muda permanentemente. Essa matriz possui todos os componentes em permanentes processos sistemáticos de mudança e possui uma dinâmica interna.

Ford & Lerner (1992) discutem o conceito de desenvolvimento a partir da discussão sobre variabilidade,

mudanças e diferenças. Heráclito, filósofo grego, afirmou que um homem não se banha duas vezes no mesmo rio, esclarecendo a importância do tempo no processo de mudanças relacionadas à ciência e à vida ou humanas.

Os autores destacam a importância do treinamento para a observação da variabilidade, mudanças e diferenças. Distinguem diferenças ocasionais ou contextuais, concorrentes ou de estado. Dentre as diferenças, apenas a diferença de estado é importante para a mudança, pois compara um fenômeno com ele mesmo em diferentes ocasiões. Para representar a mudança, a diferença considera ainda a variabilidade, que é usada em meios intra e interindividual.

Ao responder o quê, quando e como a mudança ocorre, fica claro que todo processo de desenvolvimento envolve mudança, mas o contrário não é necessariamente verdadeiro. Alguns atributos caracterizam o desenvolvimento: (1) mudança sistemática; (2) diferença da mudança progressiva versus sucessiva; (3) mudança adaptativa versus e não-adaptativa (4) o tempo presente.

Lerner (1998) explica que o desenvolvimento é sistemático e sistêmico. Sistêmico por que o organismo é um sistema que realiza trocas com o contexto e sistemático pelas continuidades e descontinuidades ou constâncias e rupturas do fenômeno do desenvolvimento. O desenvolvimento como mudança sistemática pressupõe um componente de transformação, presente na estrutura do espaço-tempo, podendo ser aleatória, o que se aproxima da explicação probabilística do desenvolvimento em Bronfenbrenner (2011), ou não aleatória.

Para o desenvolvimento humano, a mudança sistemática é coerente e progressiva e pode ocorrer de forma aleatória ou não aleatória, por isso possui significância na estrutura do espaço – tempo. Uma mudança progressiva tem um objetivo que guia o desenvolvimento, mesmo considerando que o desenvolvimento é multidirecional e de plasticidade relativa (Lerner, 1998). As mudanças, adaptativas ou não, são importantes quanto às estratégias de desenvolvimento adotadas.

Neste ponto, importa compreender melhor que vem a ser desenvolvimento individual humano. O desenvolvimento individual humano envolve os processos incremental e transformacional, os quais, por meio de um fluxo de interação entre características correntes da pessoa e do contexto, produzem uma sucessão de mudanças radicais que elaboram ou aumentam a diversidade das características estrutural ou funcional e o padrão do ambiente de interação enquanto mantém coerente a organização da unidade da estrutura funcional de uma pessoa. [tradução nossa]. Ford & Lerner (1992) p. 49.

Lerner (1998), baseado nos estudos de Ford & Lerner (1992), retoma os quatro fatores básicos para discorrer sobre o desenvolvimento humano, quais sejam (1) plasticidade relativa; (2) níveis de integração; (3) incorporação da historicidade e temporalidade da pessoa; e (4) limites da generalização, diversidade e diferenças individuais. Estes quatro componentes temáticos estão estreitamente inter-relacionados para construir os conceitos da teoria do desenvolvimento contemporânea.

A plasticidade relativa aparece nos dois textos tanto de Lerner (1998), e Ford & Lerner (1992).

	Biológico	↑ ↓	↔
--	-----------	--------	---

NÍVEIS	n	Psicológico	↑ ↓	↔
		Sociológico	↑ ↓	↔
		Ecológico	↑ ↓	↔

Figura 1: Refere-se ao modelo teórico do desenvolvimento humano contemporâneo.

Fonte: Construção do autor

Na figura 1, a plasticidade relativa de epigênese probabilística permeia todo o processo de desenvolvimento, que ocorre em múltiplos níveis, mudando em todas as direções. Imagine um conjunto de componentes em que cada um possui uma superfície lisa e esférica circulado por uma membrana esférica (plasticidade relativa), lisa, com um líquido viscoso que possibilita mudanças dos componentes que se movem em todas as direções.

Todos esses conceitos permitem visualizar a perspectiva da psicologia contemporânea para explicar o desenvolvimento humano baseado em conceitos de temporalidade, estrutura e de interação. Primeiro Lerner (1998), considerando a plasticidade como modelagem permanente do ser humano, a coloca como primeiro ponto de sua estrutura teórica. Também relaciona a plasticidade com a epigênese, pois, ao discutir sobre o tempo, imagina que as mudanças não dependem meramente da carga genética, nem das mudanças biológicas. Esta visão ontogenética, unilateral e unidirecional é totalmente rejeitada por Lerner. A figura 1, anterior demonstra a estratégia do desenvolvimento humano em sua teoria que tem múltiplos níveis – que estão multirrelacionados. O autor discute a interação entre os componentes (1) biológico, (2) individual, (3) psicológico e (4) ecológico. Conforme destacado anteriormente, esses quatro níveis estão em permanente interação.

Voltando ao conceito de plasticidade, reafirmamos que ela é relativa, pois depende da temporalidade entre os componentes citados na figura 1, anterior e baseia-se em processo e contexto. Lerner (1998) afirma que muitas teorias estão baseadas no determinismo epigenético. Mas Lerner (1998) não rejeita a epigênese, mas transforma o conceito para uma concepção de epigênese probabilística, em que a epigênese estão relacionada dada as mudanças do seu contexto. O papel básico desse enlace necessário o desenvolvimento do organismo e seu contexto em múltiplos níveis e de mudanças permanentes.

Lerner (1998) explica que o desenvolvimento é sistemático e sistêmico. Podem ser as duas coisas: sistêmico por que o organismo é um sistema que realiza trocas com o contexto e sistemático pelas continuidades e descontinuidades ou constâncias e rupturas do fenômeno do desenvolvimento.

Os impactos da psicologia contemporânea para os estudos de família

Com base na teoria da psicologia do desenvolvimento busca uma explicação teórica para o fenômeno da família contemporânea, como as relações entre o PPCT e o desenvolvimento dinâmico de Ford & Lerner (1992). O foco da compreensão do desenvolvimento deve estar na mudança sistemática, com base na capacidade ou potencial para mudar no curso da vida em múltiplos níveis da estrutura organizacional

que compõem as teorias contemporâneas da psicologia do desenvolvimento como também as famílias.

Os estudos de Ford & Lerner (1992) e Lerner (1998) possuem importância para as questões da família na perspectiva da psicologia do desenvolvimento. Como os estudos sobre a menarca e sua capacidade de determinar o desenvolvimento de uma família. Na visão biomédica, se uma menina tem a menarca mais cedo, espera-se que comece a vida sexual reprodutiva mais cedo, com maiores possibilidades de aumentar o número de filhos, o que consequentemente era visto como diminuição das condições de um desenvolvimento integral de toda a família (SAEPR/Brasil, 2009). A plasticidade da menarca na perspectiva biomédica e tradicional dá ênfase na questão genética. Contudo, as condições de culturais, geográficas, climáticas, temporais também contribuem para mudanças no seu processo de maturação e não somente a base genética. Ford & Lerner (1992) estão de acordo com a análise da menarca, como resultado de interações verticais que envolvem biologia, cultura, aspectos físicos, ecologia e recursos socioeconômicos, nutrição e cuidados médicos da sociedade dentro da qual a mulher está inserida.

O arcabouço teórico de Lerner sobre a plasticidade relativa é apenas uma explicação sobre como o desenvolvimento dinâmico ocorre a todo o tempo.

Possibilidade de aplicação da Psicologia do Desenvolvimento no contexto familiar

A teoria da psicologia do desenvolvimento é aplicável a situações específicas do convívio familiar. A exemplo de uma família constituída sob os votos do “matrimônio indissolúvel”, mas um de seus membros torna-se alcoólatra. Em face das crises, envolvendo muitas vezes atitudes violentas, surgem desentendimentos. A sociedade ainda tem o alcoolismo como uma questão pessoal de autodestruição, mas a Organização Mundial de Saúde – OMS considera um processo de saúde-doença (CID-10, 2008). Diante do problema do alcoolismo, as famílias ficam numa posição do Asno de Buridan, conto clássico em Espinoza em que o asno fica imóvel sem saber o que escolher diante de duas alternativas de comida e morre faminto (Deer Veer e Valsiner, 1996). Retornando, nessa posição a família pode paralisar entre as escolhas: como honrar o voto do casamento e/ou acordos familiares diante de uma situação de perigo de sobrevivência? Esse evento estressor pode causar outros sub-eventos a exemplo do peso do alcoolismo no orçamento doméstico diminuindo os recursos para o desenvolvimento integral de seus membros; doenças mentais entre alguns familiares como a depressão e ansiedade, provenientes das relações tensas e de comunicação desconexas. Entenda-se por comunicação desconexa os diálogos em tempos diferentes dos membros das famílias. Com base na teoria da Psicologia do desenvolvimento (Lerner, 1998), a intensidade e o ritmo do alcoolismo é sentido de forma diferente entre familiares, pois pode ocorrer junto aos eventos estressores do curso de vida, ao tempo transcorrido do início do vício e dos cursos de vida individual e familiar envolvidos.

Se considerarmos os fatores de plasticidade relativa, os níveis de integração, incorporação da historicidade, temporalidade da pessoa, diversidade e diferenças individuais, o resultado dos estudos empreendidos poderá mudar o paradoxo no qual algumas famílias se encontram atualmente.

Para Lerner (1998), os estudos sobre o desenvolvimento devem considerar a singularidade do caso analisado, como características raciais, étnicas, nacionalidade variações culturais, mas considerar a singularidade não exclui avaliar as interações sociais, as mudanças familiares e suas influências entre as pessoas envolvidas.

A análise da situação relativa aos impactos do alcoolismo na vida familiar requer observar se toda família não estaria vivendo o processo saúde-doença do alcoolismo, pois tende a ocorrer mudanças nas rotinas de lazer, no convívio familiar e nas singularidades individuais, tais como alterações de humor, alterações do sono, perda do autocontrole, ansiedade e depressão. Como o alcoolismo interfere nas relações sociais e familiares, este processo costuma afetar o exercício do cuidado familiar. Carter & McGoldrick (1995) demonstra as limitações dos resultados das intervenções que consideram o problema como psicogenético, de autodestruição e prescrevem tratamento individual e unidirecional que retira o alcoólatra de seu meio familiar e social e o insere na clínica para tratamento intensivo e mudanças de hábitos e de culturas.

Para Bronfenbrenner (1999 e 2011) e Ford & Lerner (1992), as intervenções deveriam considerar as bases da psicologia do desenvolvimento: sistema e processo. A família é considerada um microsistema, com características próprias, processos de continuidades e descontinuidades e/ou de relações e atividades molares, cujos padrões são mais circulares que lineares, e provável relação temporal subjetiva, caracterizando cronossistema. Portanto, se é nesse ambiente que o alcoólatra (P) constrói a linguagem que media a relação homem-ambiente, a rede de significados, emoções, valores e cultura e é afetado pelo próprio ambiente, então desconsiderar o microsistema no diagnóstico e na análise do processo saúde-doença do alcoolismo pode comprometer os resultados da intervenção.

A teoria sistêmica de Bronfenbrenner (2011) recomenda intervenção mediante reuniões familiares, que resulta na inclusão da família no tratamento do alcoolismo. Esta estratégia de intervenção age positivamente no mesossistema, fazendo com que os sujeitos envolvidos acompanhem todo o processo (P), possibilitando alcançar o resultado almejado. O tempo para que os resultados apareçam depende da interação entre os integrantes da família, bom como da complexidade dos laços familiares.

Dessen e Costa Júnior (2005) incluem a intervenção da psicologia do desenvolvimento, como elemento importante para o fortalecimento da família como solucionadora de suas próprias dificuldades. Para isso, é necessária uma discussão do tempo familiar como processo de significação e ressignificação das relações, pois diagnósticos que desconsideram esta subjetividade, pode levar algumas famílias a se tornarem dependentes de intervenções contínuas.

Com base no modelo Bioecológico de (2011), levando em consideração o curso de vida do alcoólatra e os sub-eventos que ocorrem no contexto, o tempo não é somente um aspecto a ser considerado, mas funciona como um organizador social e emocional. Os diversos contextos (C) do alcoólatra: os bares, o local de trabalho e de lazer, e a rede social complexa de interações ecológicas demonstram uma visão ampliada do processo saúde-doença e implicações no ambiente familiar. Um exemplo disso é a direta ou indireta entre os ambientes como um bar próximo ao trabalho, onde geralmente algumas festas como de aniversários dos funcionários acontecem.

É necessário incluir nos estudos sobre a situação-problema ora apresentada a importância da reivindicação e constituição de políticas públicas, como exossistema, que interfiram no processo saúde-doença do alcoolismo. Em países como o Brasil, as famílias podem contar com políticas públicas coletivas como é o caso do Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas – CAPS – AD, um programa de nível nacional.

Quando o alcoolismo é identificado e tratado em regiões onde não há políticas públicas adequadas, o nível de *stress* familiar tende a aumentar. Portanto, a teoria PPCT de Bronfenbrenner (2011) e a de Lerner (1992) amplia o horizonte de possibilidades de análise auxiliando a construção de estudos e intervenções.

Considerações finais

Este estudo teórico teve como objetivo fazer avançar a reflexão sobre como as teorias contemporâneas da psicologia do desenvolvimento podem contribuir para entender a família contemporânea. Como dizemos anteriormente as famílias vem passando por diferentes transformações. No processo de desenvolvimento que vivem as famílias contemporâneas caracterizadas dentre outras causas pela flexibilidade dos laços afetivos, ocorrem modificações na composição familiar, como o número de membros, a situação educativa, o trabalho, a variação do número de membros interior das famílias, por separação ou divórcio, o que finalmente provoca transformações na estrutura das famílias, e portanto, no modo em que se tem organizado para o desenvolvimento das suas atividades cotidianas.

As teorias da psicologia do desenvolvimento contemporânea podem contribuir com visões de mundo do desenvolvimento integral das pessoas. Uma destas teorias, a de Bronfenbrenner (2011 e 1999) que está dividida em pessoa, processo, contexto e tempo – numa interação do microsistema, macrosistema, mesossistema, exossistema e o cronossistema foram utilizados para um avanço teórico do estudo de família como a análise do ambiente familiar. Já a dinâmica do desenvolvimento proposta por Ford e Lerner (1993) ao tratar da plasticidade relativa e propor uma nova abordagem da epigenese – possibilitou uma visão de família que avalia não só as singularidades dos indivíduos, mas as interações dinâmicas que ocorrem no interior das famílias.

Finalmente diremos que uma das características distintivas é que esta teoria incorpora as dimensões temporais e históricas. Dito em outras palavras, este enfoque teórico se reconhece que tanto o contexto social, como o histórico desempenham uma regra significativa no desenvolvimento das famílias. De modo que o curso de vida em que vive a famílias e seus integrantes, são também constituídos por historicidade e temporalidade, níveis de integração; diversidade e diferenças individuais e relacionais entre as famílias ditas contemporâneas.

Referências bibliográficas

Angelo, M., Bouso R. S (2001). Fundamentos da assistência à família em saúde. In: Ministério da Saúde (org.). Manual de Enfermagem. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001, p. 18-22.

- Baumann, Z. (2004).** Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boyd, J. Zimbardo, P. (2009).** O paradoxo do tempo: você vive preso ao passado, viciado no presente ou refém do futuro? (S. Adriano trad.). Rio de Janeiro: Objetivo.
- Bronfenbrenner, U. (1999).** Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In: S. L. Friedman & T. D. Wachs (Orgs.). *Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts*. Washington, DC: American Psychological Association.
- _____. *Bioecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: ArtMed.
- Cairns, R. B. (2006).** The making of developmental psychology. In R. M. Lerner (Ed.) *Theoretical models of human development*. (6th ed.), New York: Wiley.
- Caixa (2011).** Minha Casa Minha Vida. Brasília: [?].
- Carter, B., McGoldrick, M. (1995)** As mudanças no ciclo de vida familiar. (M.A. Verissimo trad.). 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Deer Veer, R.V. Valsiner, J (1996).** Vygotsky: uma síntese. Tradução Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, p. 377-388.
- Ford, D. H. & Lerner, R. M. (1992).** *Developmental systems theory: An integrative approach*. London: Sage Publications. (pp. 01-53)
- Lerner, R. (1998).** Developmental science, developmental systems, and contemporary theories of human development. In W. Damon & R. Lerner (Orgs.), *Handbook of Child Psychology, vol. 1: Theoretical models of human development* (5th edition) (pp. 1-24). New York: John Wiley & Sons.
- Micaelo, A. L. M (2008).** Identidade, território e práticas familiares: a relação com a terra e a emigração em Sever do Vouga. 68 páginas. Dissertação (mestrado). Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Cultural.
- Organização Mundial de Saúde – OMS (2008).** Classificação Internacional das Doenças - versão 10 (CID – 10). São Paulo: Edusp.
- Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República – SAEPR/Brasil (2009).** Juventude e políticas sociais no Brasil. Castro, J. A. C., Aquino, L. M. C., Andrade, C. C. A. org. Brasília: Ipea.
- Vygotsky, L (2001).** *Las emociones e su desarrollo em edad infantil. Conferencia sobre Psicologia*. In *Obras escogidas, tomo II – Problemas de psicologia geral*. (J. M. Bravo trad.). Madrid: A Machado Libros S. A. p. 403-422.